



MÜLLER-LAUTER, W. **Nietzsche**: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia. São Paulo: Ed. da Unifesp, 2009.

Fernando de Sá Moreira

Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba - PR, Brasil, e-mail: fsmoreira@gmail.com

No que diz respeito à pesquisa Nietzsche no Brasil, Müller-Lauter já nos é, felizmente, um “velho conhecido”. Ao menos desde meados da década de 90, alguns de seus trabalhos aparecem traduzidos em nosso país. Ele é certamente um dos mais importantes intérpretes do pensamento nietzschiano, posição que só pôde ser atingida com os muitos anos de trabalho dedicados junto a outros importantes personagens responsáveis pela edição crítica das obras de Nietzsche, como Mazzino Montinari. Dentre seus textos mais importantes está, sem dúvida, *Nietzsche: seine Philosophie der Gegensätze und die Gegensätze seiner Philosophie*¹ (*Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*), lançado na Alemanha em 1971. Essa obra chegou-nos atualmente por meio da tradução realizada pelo prof. Dr. Clademir Araldi, conhecido pesquisador de Nietzsche no Brasil. Trata-se de uma obra que investiga profundamente os escritos do filósofo de *Assim falou Zaratustra* e que, desde a interioridade dos textos e anotações desse difícil e fascinante filósofo, coloca-se a complexa tarefa de investigar Nietzsche

¹ MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsche: Seine Philosophie der Gegensätze und die Gegensätze Seiner Philosophie*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1971.

por Nietzsche. Ou, nas palavras de Müller-Lauter (2009, p. 24), trata-se de fazer “uma apresentação e crítica imanentes da filosofia de Nietzsche”.

Se, por um lado, a ideia de interpretar um autor a partir dele mesmo, de sua própria filosofia, parece óbvia à primeira vista, por outro lado, um rápido olhar para a história da interpretação de Nietzsche pode rapidamente nos fazer compreender o esforço de Müller-Lauter. Como sabemos, desde o colapso ocorrido no início de 1889 e que encerrou sua produção filosófica, Nietzsche tem sido alvo das mais variadas acusações e apropriações indevidas. Não é o caso aqui de discorrer sobre elas, é suficiente que apontemos como exemplo paradigmático a malfadada obra *Der Wille zur Macht*², uma compilação de apontamentos póstumos retirados de vários cadernos pessoais do autor e organizada pela irmã do filósofo, Elisabeth Förster-Nietzsche, e Peter Gast. Essa compilação, que prontamente foi recebida como a obra magna de Nietzsche, apropriou-se indevidamente dos póstumos de Nietzsche, organizando-os na obra sem respeito à ordem cronológica dos apontamentos e lançando mão inclusive de falsificações, modificações e mutilações diversas. Na década de 1970, a pesquisa Nietzsche encontrava-se ainda fortemente marcada pela sombra daquela falsa obra e de outras leituras diversas do pensamento nietzschiano que, por não respeitar as peculiaridades de seu texto, jogavam seu autor de um lado para outro. No entanto, é também nesse momento que começam a surgir os primeiros volumes da edição crítica das obras completas de Nietzsche organizadas por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. A publicação da *Kritische Studienausgabe* só se completou em 1978 e a da *Kritische Gesamtausgabe* ainda hoje não está terminada, mas já em 1971 o impacto dessas publicações fazia-se sentir. O trabalho filológico dos organizadores pôde, enfim, desmascarar as falsificações conduzidas pela irmã de Nietzsche e, ao mesmo tempo, disponibilizar aos pesquisadores um material de pesquisa inédito e que passou a ser fartamente utilizado pelos interessados no pensamento de Nietzsche: os apontamentos póstumos exaustivamente organizados e documentados. É nesse espírito que se insere a interpretação de Müller-Lauter retratada em *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*, ainda que na época do lançamento desse livro na Alemanha a maior parte dos inéditos ainda não estava à disposição do público.

² MÜLLER-LAUTER, W. Nietzsches Lehre vom Wille zur Macht. *Nietzsche-Studien*, n. 3, p. 1-60, 1974.

O trabalho de tradução realizado por Clademir Araldi inclui um exaustivo trabalho de correspondência entre as citações de Nietzsche feitas por Müller-Lauter de acordo com a *Gross-Oktav-Ausgabe* e a KSA, edição das obras completas organizadas por Colli e Montinari mais fartamente utilizadas hoje pelos pesquisadores do filósofo alemão. Particularmente, porém, senti falta de algumas notas que esclarecessem algumas opções de tradução ou ainda que esclarecessem os termos originais.

A obra de Müller-Lauter apresenta uma argumentação consistente e fartamente documentada através de inúmeras referências aos textos de Nietzsche, apoiada sobretudo nos póstumos, como pode ser observado pelas inúmeras notas de rodapé. Salta aos olhos o fato de que sua interpretação parece se sustentar mais sobre os póstumos do que sobre a obra publicada. Essa opção parece ser reflexo do trabalho de Müller-Lauter na publicação da edição crítica das obras de Nietzsche. No entanto, esse modo de se pôr diante do legado nietzschiano talvez não nos seja permitido hoje, pois o prosseguimento das discussões sobre o valor e a metodologia mais adequada para uso desse material parece nos indicar ao menos dois pontos importantes: se, por um lado, temos que concordar com Müller-Lauter que os póstumos são um material importantíssimo para a discussão de diversos temas do pensamento nietzschiano, por outro lado, também não podemos lançar mão desse material como se tivesse o mesmo peso da obra organizada e publicado pelo filósofo. Não podemos então seguir a recomendação de Schlechta³ (1997, p. 13-46) e simplesmente ignorar esse material, mas também devemos reconhecer que os póstumos estão repletos de armadilhas, experimentos abandonados, rascunhos e anotações de valor no mínimo dúbio. Hoje nos encontramos em uma difícil condição: temos atualmente ainda mais materiais a nossa disposição do que em 1971 teve Müller-Lauter, todavia, é necessário que nos apropriemos deles com ainda mais cautela do que o fez o comentador.

A despeito dessa discussão sobre os póstumos, vejamos no que consistem as intenções do livro em questão. A tese central defendida por Müller-Lauter é logo esclarecida no título e na introdução do trabalho: ele busca compreender os antagonismos da filosofia nietzschiana por meio daquilo que chamou “filosofia dos antagonismos de Nietzsche”. Ou seja, ele pretende superar as interpretações então vigentes do pensamento do

³ SCHLECHTA, K. *Le cas Nietzsche*. Paris: Gallimard, 1997.

filósofo alemão ao considerar os antagonismos como constituintes da cosmologia nietzschiana. Desse modo, muitos dos antagonismos de sua filosofia seriam, na verdade, apenas aparentes e, por outro lado, revelar-se-iam outros antagonismos mais profundos como consequência do pensar de Nietzsche. Com efeito, o livro de Müller-Lauter não propõe somente uma “correção” de pequenas falhas de compreensão, aqui ou ali; ele coloca-se de forma, se nos concedem a licença, “antagônica” às interpretações mais populares de sua época, como as de Simmel, Heidegger, Baeumler, Fink, Löwith etc, apresentando nova e instigante interpretação de Nietzsche e de seus conceitos fundamentais, tais como “vontade de potência”, “nihilismo”, “além-do-homem” e “eterno retorno”.

Pois bem, o que se chama aqui de antagonismo e qual o seu poder explicativo? A palavra *Gegensatz* pode ser traduzida de inúmeras formas para o português, dependendo de seu contexto. Podemos traduzi-la por “antagonismo”, “contraposição”, “contraste”, “oposição”; em todo caso, trata-se de destacar a existência de duas ou mais elementos que se colocam em uma relação de choque. No interior de uma filosofia, uma *Gegensatz* pode indicar proposições (*Sätze*) que se opõem e, por isso, indicam a possibilidade de existir ali uma contradição (*Widerspruch*) que pode abalar a consistência desse pensamento. Ora, a obra de Nietzsche é plena de antagonismos. Muitas de suas afirmações parecem entrar em conflito com outras, muitas vezes no interior de uma mesma obra.

A abordagem de Müller-Lauter é marcada pela hipótese de que os antagonismos expostos na obra Nietzsche não são contradições lógicas, mas reflexos de um importante pensamento do filósofo, qual seja, de que a efetividade mesma é composta por impulsos que se põem em posições contrárias e que lutam por potência, de “vontades de potência” que, ao lutar por potência, engendram o mundo da efetividade. A filosofia dos antagonismos de Nietzsche reconheceria que, “na efetividade, não há nada de fixo, nada permanente, mas somente a torrente incessante do vir-a-ser e perecer” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 42). Ela procuraria reconhecer o caráter antagônico da existência: “Enfim, a efetividade a que se refere a filosofia de Nietzsche é a da multiplicidade de vontades de potência, que diz respeito a antagonismos inter-relacionados, formando o mundo em tal relação” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 68). Este é justamente o caminho traçado no primeiro capítulo, “A aparência dos antagonismos e os antagonismos efetivos da vontade de potência”. Separam-se assim os

antagonismos constituintes da efetividade daqueles que devem ser tomados apenas do ponto de vista lógico: se, por um lado, os antagonismos efetivos da manifestam-se no conflito das “vontades de potência”, por outro, não se deve confundir-los com os antagonismos lógicos, ou seja, com as contradições que se manifestam em discursos lógicos, em proposições que, ao tentar fixar a realidade em conceitos imutáveis, entram em conflito com outras proposições.

Após apresentar essa chave de leitura, o livro prossegue seu caminho utilizando-a para interpretar os demais aspectos da filosofia nietzschiana, sobretudo direcionando-se aos conceitos de além-do-homem e eterno retorno (sexto e sétimos capítulos), passando pela caracterização da história (segundo capítulo), do niilismo (terceiro e quartos capítulos) e da veracidade (quinto capítulo).

Na caracterização da história, Müller-Lauter traça dois caminhos paralelos. Em um primeiro plano, apresenta as opiniões de Nietzsche acerca do saber histórico, um longo caminho desde a *Segunda consideração extemporânea: da utilidade e desvantagem da história para a vida* até os últimos textos de Nietzsche. Seu enfoque inicial é no elemento fixador da ciência da história, que é considerado como útil num primeiro momento, caso mantido em sua devida medida. Depois sua análise desembocará na necessidade do elemento não histórico do esquecimento. Tratado em textos como a *Genealogia da moral*, o esquecimento revela-se para o Nietzsche tardio como útil à vida. Mas também, em um segundo plano, apresenta a interpretação nietzschiana da história da humanidade, sobretudo sobre sua época moral. Para Müller-Lauter, deve-se reconhecer na história da humanidade um encaminhamento inevitável em direção ao niilismo, ou seja, um agravamento cada vez mais completo da doença da falta de sentido e de meta. Ainda segundo o comentarista (2009, p. 103), existiria em Nietzsche um plano intervencionista, ou seja, o filósofo estaria, por meio de suas obras, preparando o terreno para o início de uma história planejada dos casos favoráveis e das vontades fortes, dos homens sadios (em última instância, do além-do-homem), pois “há muito, a história do acaso é uma história do declínio, do retrocesso”²⁴.

⁴ Pouco mais a frente: “Parece assim que nem o tipo forte nem o fraco podem impedir o declínio da humanidade. Pois, segundo Nietzsche, tal como a força dos fracos, a fraqueza dos fortes, em sua necessidade, deve limitar-se à história de até então, em que predominou o acaso. Somente uma ‘raça forte’ futura, através de planejamento e cultivo poderá extrair do acaso a sua potência e não perdê-la mais para a maioria dos fracos” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 140).

Já nos capítulos dedicados ao niilismo (“Niilismo como vontade de nada” e “Niilismo e cristianismo”), Müller-Lauter identifica o conceito nietzschiano de niilismo com a concepção de história do homem moral. Como Müller-Lauter (2009, p. 124) afirma: “o nascimento do homem moral é o começo do niilismo ocidental”. Todavia, adverte que é preciso considerar que “a história do niilismo não tem *um* começo” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 143), pois, enquanto expressão de *décadence* fisiológica, o niilismo manifesta-se em cada cultura independentemente, formando múltiplos começos da história do niilismo. O niilismo ainda poderia manifestar-se de diversos modos, isto é, como niilismo ativo, passivo, incompleto, completo, absoluto, extremo etc. Mas, deve-se ficar atento à advertência do comentador a respeito do fato de que a vontade niilista é ainda vontade de potência. A vontade niilista seria, então, uma vontade de nada, ou seja, uma “constelação de vontades de potência” na qual a vontade dominante impulsiona as vontades dominadas contra a própria constelação, desagregando-a, causando a *décadence*. A vontade de nada, nesse sentido, é contravontade, mas ainda é vontade de potência (Cf. MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 137-138). O budismo e o cristianismo estariam intimamente atrelados à história do niilismo, enquanto “religiões da *décadence*”⁵.

O debate a respeito da moral resulta na conclusão de que a moral ao término de seu processo histórico se autoaniquila. O início da história moral da humanidade começa com a exigência pela veracidade, que no interior das sociedades serve como um meio de garantir a coesão dos tipos fracos. Exatamente na medida em que “o homem moral é medroso” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 163), ele exige dos demais homens que sejam verazes, sejam previsíveis, ajam de modo fixo e bem determinado. Essa exigência por veracidade, levada às últimas consequências, volta-se contra o próprio homem: ele não quer mais enganar, nem mesmo a si. O homem moral exige-se de si e do mundo a veracidade a qualquer preço. Em última instância, a vontade de verdade tornou-se autônoma nesse momento. Mas, de acordo com Müller-Lauter no capítulo “Vontade de verdade e vontade de potência”, a verdade, até então entendida como adequação de juízos conceituais com a efetividade, não poderá mais ser sustentada por aquele que exige de si a veracidade a todo preço. Por fim, a própria vontade de verdade descobre a verdade como uma fantasia. Ela conclui que não há

⁵ A figura de Jesus permanece como uma figura em aberto pela investigação.

nenhuma verdade, pois se descobre como resultado de um processo de falsificação da efetividade. A efetividade, enquanto fluxo incessante, não se adéqua às fixações exigidas pela vontade de verdade: a própria verdade revela-se no fim do processo da vontade de verdade como um erro. Essa conclusão levaria Nietzsche a formular um novo conceito de verdade, que desde então deveria ser entendido como “harmonia com o efetivo”, “verdade perspectivista”, a qual se conferiria um novo critério de validade: “Toda perspectiva é válida apenas enquanto serve à potência” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 185).

Os capítulos finais do livro (“O caminho para o além-do-homem” e “Os dois tipos de além-do-homem e a doutrina do eterno retorno do mesmo”) tratam mais especificamente do além-do-homem e de sua relação com o eterno retorno do mesmo. Müller-Lauter apresenta o além-do-homem como o antagonista do nülista, isto é, como aquele que afirma a vida incondicionalmente (Cf. MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 211). Na visão de Nietzsche, o próprio aprofundamento do nülismo conduziria à intensificação dos antagonismos, condição para surgimento do além-do-homem (Cf. MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 194). No entanto, é nesse contexto que surge aquela que Müller-Lauter considera a contradição (*Widerspruch*) fundamental do pensamento nietzschiano: Nietzsche apresentaria dois tipos de além-do-homem diferenciados, de modo que não são compatíveis entre si (Cf. MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 290). Existiria, por um lado, aquele que Müller-Lauter chamou de “além-do-homem violento”, que seria capaz de impor sua perspectiva, seu ideal, de crer nele como uma “posição absoluta”. Por outro lado, aquele que foi denominado “além-do-homem sintetizador” ou, ainda, “além-do-homem sábio”: ele não se furtaria de nenhum conhecimento, assumiria em si a “pluralidade de ideais”, não negaria qualquer perspectiva. Segundo Müller-Lauter, ainda que Nietzsche tenha proposto aqui ou ali a unificação dessas duas posturas no além-do-homem, jamais teria apresentado de forma satisfatória como essa fusão seria possível (Cf. MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 205-206, 252). Essa “contradição fundamental” seria um desdobramento do problema já abordado no capítulo dedicado à verdade. Conforme afirma Müller-Lauter (2009, p. 190):

Assim toda vontade de potência que investiga a si mesma descobre em si uma contradição [*Widersprüchlichkeit*] própria: ela tem de convencer-se irrestritamente da verdade de sua própria

perspectiva, e, ao mesmo tempo – pronta para necessariamente transformar-se – tem de proibir a si mesma essa convicção.

Ao apontar a existência de dois além-dos-homens como a contradição fundamental de Nietzsche, Müller-Lauter opõe-se às interpretações que propõe a incompatibilidade entre as doutrinas do eterno retorno do mesmo e do além-do-homem (sobretudo a de Löwith). Segundo essas interpretações, o ideal do além-do-homem indicaria em Nietzsche uma evolução entendida como progresso. Contudo, esse progresso seria contradito pela doutrina do retorno, pois ela anularia qualquer progresso. Müller-Lauter não interpreta o além-do-homem como uma evolução progressiva, mas como uma figura capaz de ser una com a própria vontade de potência em fluxo. Seria até mesmo essa íntima relação entre o além-do-homem com o eterno retorno que forneceria o critério para a “além-da-humanidade” dos tipos de além-do-homem (Cf. MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 225-226, 230). O comentador nos levanta uma importante tese: ele afirma que o pensamento do retorno não pode ser compreendido desvinculado com os projetos das “vontades de potência perspectivistas”, isto é, diferentes configurações de impulsos retiram diferentes efeitos da doutrina do retorno. Neste ponto, a divisão entre dois tipos de além-do-homem torna-se ainda mais fértil, pois o pensamento do retorno teria para cada um deles significados distintos. Para o “além-do-homem violento” (o forte), a doutrina do eterno retorno teria fins seletivos, como um modo de fortalecer sua própria perspectiva, que, por sua vez, acaba por dominar, submeter e até mesmo ignorar outras perspectivas. Já para o “além-do-homem sintetizador” (o sábio), o pensamento do retorno é reflexo de seu olhar que abarca as mais diversas perspectivas e, por isso mesmo, sabe que ele mesmo é tributário de tudo aquilo que até então existiu. A partir desse “olhar sintético”, esse segundo tipo de além-do-homem expressaria seu “sim” incondicional a todos os aspectos da existência. Em todo caso, ainda assim, persistiria nessas duas figuras paralelas a contradição fundamental de Nietzsche.

A obra de Müller-Lauter certamente não se esgota nessa pequena apresentação. Há ainda no interior de sua argumentação, altamente comprometida com a letra nietzschiana, o tratamento de um sem-número de outras questões subordinadas, mas extremamente interessantes. A respeito da doutrina do eterno retorno, Müller-Lauter explora ainda profundamente as tentativas de comprovação científica da doutrina do eterno retorno e

seu caráter “religioso”. O texto ganha ainda maior riqueza se for lido em conjunto com os demais textos de Müller-Lauter já disponíveis em nossa língua. Este é o caso, principalmente, de um texto publicado três anos após *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*, chamado *Nietzsches Lehre vom Wille zur Macht*. Esse último texto já foi publicado em nossas terras em 1997, traduzido por Oswaldo Giacoia Junior como *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*⁶.

Esta obra que agora nos chega às mãos, graças à tradução de Clademir Araldi, poderá certamente fornecer fôlego renovado para a pesquisa Nietzsche no Brasil. Um primeiro ponto da importância dessa edição é o acesso facilitado que ela proporciona a um comentador clássico do filósofo alemão. Também permite que leitores sem conhecimento mais aprofundado da difícil língua alemã travem contato com esse importante texto. Fazemos votos de que essa obra que nos chegou recentemente possa ainda mais impulsionar os pesquisadores nacionais. Esperamos que nós aqui possamos colher não somente os frutos desse livro que ajudou a revolucionar a pesquisa Nietzsche na década de 1970, mas também que ele nos forneça ainda mais condições para que possamos colher os frutos dos trabalhos posteriores da pesquisa Nietzsche. O “filósofo da suspeita” ainda parece nos guardar muitos desafios e descobertas, como o próprio livro de Müller-Lauter não cessa de nos mostrar.

Recebido: 04/07/2012

Received: 07/04/2012

Aprovado: 25/07/2012

Approved: 07/25/2012

⁶ MÜLLER-LAUTER, W. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. São Paulo: Annablume, 1997.